

ARTIGO DOSSIÊ

A IMPORTÂNCIA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO PARA O PCB*

THE IMPORTANCE OF THE SOCIALIST REVOLUTION OF OCTOBER FOR THE BRAZILIAN COMUNIST PARTY (PCB)

MARLY DE ALMEIDA GOMES VIANNA*

RESUMO

O artigo trata, como indica o título, da Revolução Russa de 1917 e da influência que teve tal revolução – inclusive desde seu impulso inicial, em fevereiro daquele ano –, não só para a fundação do Partido Comunista do Brasil como para norteá-lo em seus primeiros anos. Analisa-se também as lutas do movimento operário nas primeiras duas décadas do século, a influência anarquista em seu meio e a cisão entre anarquistas e comunistas com a fundação do PCB.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Socialista de 1917; movimento operário; anarquistas; comunistas; PCB.

ABSTRACT

The article deals, as the title indicates, with the Russian Revolution of 1917 and with the influence of such a revolution – considering its initial impulse in February of that year - not only for the founding of the Communist Party of Brazil but also to guide it in his early years. The struggles of the labor movement in the first two decades of the century, the anarchist influence in its environment, and the split between anarchists and communists with the founding of the PCB are also analyzed.

KEYWORDS: Socialist Revolution of 1917; labor movement; anarchists; communists; PCB.

Introdução

A Revolução de Outubro de 1917 foi o acontecimento mais importante da história do século XX. Como já se disse muitas vezes, pela primeira vez na história da humanidade os operários e o povo mais simples chegaram ao poder, não por um golpe ou uma eventualidade: a Revolução Socialista Soviética, dirigida pelos comunistas bolcheviques, mobilizou a imensa maioria da população.

Os operários no poder retomaram a inovadora organização popular revolucionária, os soviets, criados na revolução de 1905, o que fez com que participassem da direção do processo revolucionário não só operários, mas camponeses, soldados, marinheiros e diferentes camadas da população menos favorecida. Buscavam – e conseguiram – paz, pão, terra e liberdade.

Foi uma façanha extraordinária, quase inacreditável, vencer os exércitos coligados da Entente que, mal terminada a Grande Guerra, atacaram a recém formada República Soviética por todas as suas fronteiras. A construção do socialismo, o consolidar o proletariado no poder, vencendo a burguesia, custou sacrifícios imensos, numa sangrenta guerra civil que durou três anos, exaurindo as forças dos revolucionários. Milhares deles pereceram num esforço hercúleo para vencer a luta – e venceram. Sua influência foi decisiva para a política brasileira e por isso é importante conhecê-la.

Alguns dados sobre a Revolução

A dinastia dos Romanov começara em 1613 e parecia que duraria para sempre. O governo do último czar, Nicolau II e sua maneira de encarar o poder e administrar o império eram de uma verdadeira autocracia. Nicolau não admitia qualquer concessão que liberalizasse o regime, sequer uma constituição que contentasse minimamente um pensamento mais liberal. Na Rússia o governo era reservado aos nobres burocratas ou aos latifundiários com maior poder.

A industrialização, que avançava na Rússia, mantinha os trabalhadores nas piores condições, tanto nas fábricas quanto nas refinarias de petróleo de São Petersburgo, Moscou e Baku. A política de russificação das centenas de povos que formavam império era implacável, o que fazia despertar nacionalismos. Os judeus eram perseguidos e massacrados, sendo frequentes os progrooms.

O domingo sangrento

A 9 de janeiro de 1905, o povo, tendo à frente um padre, dirigia-se com suas famílias para entregar uma petição ao czar e foram recebidos a tiros, baionetas e patas de cavalos. O massacre deixou mais de mil mortos e dois mil gravemente feridos. A estupefação, decepção e revolta transformaram-se em revolução. O povo lutou até 1907 e foi criado nessa ocasião o importante instrumento de organização popular, o soviet. Houve também revoltas camponesas e, assustado com o movimento revolucionário, o czar oscilava entre repressão e concessão. A 17 de outubro Nicolau assinou um documento que dava direitos civis

a todos e aceitou a criação de uma câmara, a Duma, que deveria ser eleita por sufrágio (quase) universal. A luta popular, no entanto, continuou e a insurreição foi brutalmente esmagada: mais de três mil trabalhadores morreram.

Os revolucionários foram tratados com uma política de terra arrasada. Os dados oficiais mencionem 1200 execuções e cerca de 70 mil presos, mas o número real de vítimas é desconhecido, havendo indicações de mais de 15 mil mortos e 45 mil deportados.

Por essa época, nobres, intelectuais e comerciantes, sob a divisa “Tzar, fé e pátria”, criaram União do Povo Russo, que defendia um nacionalismo extremado e furiosa violência antissemita. A União atuava como ala extremista da milícia direitista Centúrias Negras, da qual Nicolau foi membro honorário.

No final do ano de 1905 a família do tzar conheceu o místico charlatão Grigori Rasputin. Este foi ganhando a confiança da tzarina, na medida em que conseguia acalmar o jovem tzarevich Alecssei Romanov, em suas graves crises consequentes da hemofilia.

A guerra

Em 28 de junho de 1914 foi assassinado em Sarajevo o arquiduque Francisco Ferdinando de Áustria, o estopim para o a guerra que há muito se vinha desenhando. A Rússia entrou no conflito desde o seu início, com um exército mal preparado, mal treinado, sem munição, sem uniformes adequados e, além dos desastres da guerra, havia o recrutamento forçado, que desfalcava a mão de obra no campo e aumentava o descontentamento da população.

Em agosto de 1916 Nicolau resolveu assumir pessoalmente o comando do Exército e com isso a tsarina ficou respondendo pelo governo do Império, obedecendo sempre aos conselhos e às ordens de Rasputin, que fazia e desfazia ministros. A situação foi-se tornando insuportável e a 16 de dezembro Rasputin foi assassinado por nobres descontentes com o prestígio do mago junto à família imperial.

Além da calamidade da guerra havia a calamidade dos governantes. O povo não aguentava mais. Várias sugestões de ministros para atenuar a situação não foram aceitas pelo czar, que negava-se a fazer qualquer mudança. A proclamada Duma havia sido eleita e desfeita várias vezes. Todo esse ambiente é fundamental para se entender que a Revolução Russa, ou melhor, as revoluções russas, de fevereiro e de outubro, foram revoluções que tiveram o apoio da esmagadora maioria da população.

Fevereiro de 1917

A Revolução de Fevereiro de 1917 foi uma revolução espontânea, popular, sem dirigentes ou partidos políticos, desencadeada pelas mulheres operárias da fábrica de tecidos Putílov que derrubaram uma dinastia que durava há trezentos anos

Além da carestia, do desabastecimento geral e da terrível exploração da força de trabalho, era sobre os ombros das mulheres que a carga maior se fazia sentir. As perdas humanas sofridas pelos russos na guerra eram imensas, somavam milhões entre mortos, feridos e prisioneiros. E eram seus filhos, maridos, pais e irmãos que estavam sendo massacrados nos inglórios campos de batalha.

A greve começou a 23 de fevereiro justamente no Dia Internacional das Mulheres (a Rússia usava o calendário Juliano, que tem 13 dias de diferença para o atual e nosso, o calendário gregoriano). O movimento foi se alastrando, com comícios, passeatas, greves de solidariedade e motins de rua, até que no dia 27, o Palácio Tauride, sede da Duma, foi invadido pela multidão. No dia seguinte a população já dominava a cidade e tentando impedir o avanço do movimento popular o czar abdicou. Foi proclamada a República e estabelecido um governo provisório, tendo como primeiro ministro o príncipe Georgui Lvov, constitucionalista, e como ministro da Guerra o deputado socialista Alecssander Kerenski. A população revolucionária organizou um poder paralelo, o Sóviet de Petrogrado, aquela forma de poder popular surgida na Revolução de 1905.

Com a revolução, centenas de revolucionários saíram da cadeia ou voltaram de exílios na Sibéria e em toda a Europa. Nesse movimento, o momento crucial foi a chegada de Lenin a Petrogrado e suas decisivas – para a revolução socialista – “Teses de Abril”.

As “Teses de Abril”

As “Teses de Abril” são como que a certidão de nascimento da Revolução Russa. Elas foram decisivas para resolver uma questão fundamental que se colocava para os revolucionários – bolcheviques, mencheviques, anarquistas e social revolucionários: apoiar o governo provisório, consolidando uma República liberal burguesa – sem dúvida um imenso avanço em relação ao czarismo – ou avançar rumo ao socialismo?

Lidas ainda no vagão do trem, ao chegar à Estação Finlândia, Lênin defendia que nenhuma concessão deveria ser feita. O momento político que vivia a Rússia caracterizava-se pela passagem da primeira etapa da revolução, que acabara com o tzarismo e dera o poder à burguesia, para às mãos do proletariado e dos camponeses pobres e nenhum apoio deveria ser dado ao governo provisório.

De julho a outubro de 1917

A situação da Rússia era de uma nunca vista mobilização política, que nos meses de junho a outubro foi se radicalizando. Enquanto que a posição dos bolcheviques era a de terminar a guerra, o governo provisório, tendo naquele momento Kerenski como ministro da Guerra, resolveu desencadear uma ofensiva militar, que fracassou, provocando ainda maiores agitações. Nesse ambiente os operários de Petrogrado começaram várias manifestações armadas, o que serviu de pretexto para o governo atacar os bolcheviques: proibiu seus jornais, fechou suas sedes e começou a perseguição a seus líderes, alguns sendo presos. Lenin exilou-se na Finlândia. No final de julho Kerenski formou um novo governo, pretendendo consolidar-se no poder e manter a guerra.

Com o objetivo de parar as agitações operárias, e também pela grave situação econômica, que levou a grande desvalorização do rublo, muitas fábricas foram fechadas, o que aumentou ainda mais o desemprego e a fome. Isso mostrou aos trabalhadores que tinham razão os bolcheviques, ao propor o controle operário, e passaram a apoiá-los. Ao mesmo tempo, os camponeses se organizavam e tomavam as terras,

aliando-se também aos bolcheviques, os únicos que consequentemente defendiam sua causa.

Foi nessa conturbada situação que, apavorados com a mobilização popular, industriais e gerais de direita resolveram se unir para depor o governo provisório que consideravam incapaz de controlar a situação. A 25 de agosto o general Lavr Kornilov tentou um golpe de estado, frustrado pela ação dos revolucionários que obrigaram os conservadores a recuar.

Depois dessa tentativa de golpe e da reação organizada pelos bolcheviques, estes passaram a ter a maioria nos sovietes. Não só se intensificaram as ocupações de fábricas e de terras como cresceram as deserções no Exército.

Na madrugada de 25 de outubro (7 de novembro no calendário atual), do Smolni, sede do Soviet de Petrogrado, partiram destacamentos para ocupar pontos estratégicos da cidade e tomaram o Palácio de Inverno, pondo fim ao governo provisório sem, praticamente, derramamento de sangue. O governo fugiu, deixando apenas um batalhão de mulheres na guarda do palácio. Não houve resistência.

Mais tarde, no mesmo dia, o II Congresso dos Sovietes de Operários e Soldados e Marinheiros de toda a Rússia, em sua imensa maioria, apoiou a insurreição e votou seus primeiros decretos – paz, pão e terra. Os decretos sobre a paz, a terra e a questão das nacionalidades consolidaram a liderança bolchevique nas bases populares.

A guerra civil

Em maio de 1918, começou a guerra civil. A jovem revolução viu-se cercada por todos os lados, pelos exércitos estrangeiros, enquanto que os contrarrevolucionários, adeptos da volta à monarquia, lutavam internamente contra os bolcheviques. No início de 1919 os soviéticos estavam cercados.

A guerra civil, com seus incriveis custos humanos e na economia, levou ao comunismo de guerra, que proibia qualquer empreendimento privado e determinou a expropriação do excedente agrícola, o que provocou oposição no campo.

Quando, no início de 1921, os soviéticos conseguiram sair vitoriosos da luta, defrontaram-se com um país arrasado. A paz fora conseguida com enormes perdas, sancionadas pelo tratado de Brest-Litóvski, em março de 1918. As tentativas revolucionárias na Alemanha e na Hungria fracassaram e a Revolução Russa ficou isolada.

A Revolução Socialista de Outubro de 1917, levando os operários ao poder, mostrou que o capitalismo não era o fim da história. Tais acontecimentos, que repercutiram no mundo todo, não poderiam deixar de chegar ao Brasil, onde a classe operaria era bastante combativa.

As primeiras lutas

A politização dos operários brasileiros foi obra dos imigrantes e da intelectualidade progressista da época, em que se incluía também um pequeno grupo de operários. A influência estrangeira deu-se não só diretamente, pelos operários italianos, portugueses e espanhóis, principalmente, como pela influência de pensadores estrangeiros, em

especial franceses, sobre os intelectuais brasileiros. Foi o caso de Benôit-Malon, Benôit-Jules Mure,¹ Louis Vauthier e Louis Blanc, entre outros, ligados ao socialismo utópico, como Benoit-Jules Mure, ou ao positivismo evolucionista, o caso de Benoit Malon. Já Louis Vauthier estava mais influenciado pelos movimentos de 1848 na Europa.

O anarquismo, a doutrina que predominou no movimento operário brasileiro nos primeiros 20 anos do século XX, tinha como teóricos Pierre Joseph Proudom, Mihail Bakunin, Piotr Kropotkin, Enrico Malatesta, Eliseu Reclus e outros aqui divulgados. De Karl Marx falava-se pouco.

Quanto às tentativas de organização do movimento operário, Edgar Rodrigues fala da criação, em 1870-1, de uma Liga Operária, da Sociedade Operária de Santos, em 1877 (cuja sede existe até hoje) e da União Operária, em 1880, congregando os operários do Arsenal de Marinha.² A partir dos anos 80 do século XIX os clubes socialistas começam a aparecer nas cidades de maior nível de industrialização e concentração operária, como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.

As primeiras organizações operárias foram de resistência e ajuda mútua. Eram pequenos agrupamentos, dada à fragilidade da classe e, por isso mesmo, de início pelo menos, as organizações que mais se destacaram foram aquelas dirigidas por intelectuais, como foi o caso do círculo e logo depois Centro Socialista de Santos, organizado e dirigido pelos médicos Silvério Fontes, Carlos Escobar e Sóter de Araújo. Destacam-se também intelectuais como Fábio Luz,³ médico, professor e jornalista; Edgar Leuenroth, gráfico e jornalista e os romancistas, críticos literários e jornalistas como Lima Barreto, Raul Pompéia,

Astrojildo Pereira e Otávio Brandão. Com exceção de Pompeia foram todos anarquistas, sendo que Astrojildo Pereira e Octávio Brandão aderiram ao comunismo. Os anarquistas rejeitavam organizações políticas, valorizavam a atuação sindical, e compunham aqui o grupo chamado de sindicalistas revolucionários.

Precisamos levar em conta algumas características importantes do movimento operário brasileiro, características estas que irão embasar suas atitudes políticas. No final do século XIX, quando começam a apontar as frágeis organizações operárias, a classe estava tenuemente constituída – o que correspondia a uma ainda tênue industrialização. Daí uma primeira característica, a da organização da classe estar dirigida por intelectuais e profissionais progressistas. A questão é que tais intelectuais eram majoritariamente socialistas reformistas, evolucionistas e contra as transformações sociais através da revolução, pregando o voto para tais transformações. Dizia o jornal do Centro Socialista de Santos, apresentando-se ao público:

Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, **A Questão Social**, sem paixões, que considera antagônicas à idéia de progresso, propõe-se a lutar tenazmente para que sejam mais rápidos os efeitos do movimento evolucionista científico, que deve dar em resultado a nova organização da Sociedade. Por maiores que sejam as preocupações dos excessivamente tímidos e as apreensões dos privilegiados, a repercussão no Brasil das idéias que se agitam no velho mundo há de ser fatal, a bem dos interesses gerais da coletividade. Oxalá o esforço que ora fazemos, pugnano pela

implantação da doutrina regeneradora, encontre eco em todos os que combatem pelo nivelamento das classes, entrando com o contingente de sua colaboração para que se levante, em breve, o majestoso edifício da solidariedade e da justiça de classe.⁴

No Brasil o anarquismo tomava o lugar “do positivismo da escola de Augusto Comte, que teve papel preponderante na revolução brasileira e na derrubada do Império”,⁵ positivismo que, em colaboração com a maçonaria, implantou a República no Brasil.⁶ Nas primeiras duas décadas do século a industrialização cresceu enormemente chegando, segundo o senso de 1907, a ter empresas com mais de mil operários.⁷

Uma segunda característica é que os operários eram então, em sua maioria, estrangeiros e destes, em São Paulo, quase 90% eram de origem italiana. Foi nessa época que começaram a surgir organizações constituídas pela própria classe operária, que eram, de início, organizações de ajuda mútua, como vimos.

Uma terceira característica foi a de que esses operários que começam a se unir eram principalmente simpáticos ao anarquismo. Uma quarta característica - ao contrário do que se tem colocado, identificando a classe operária ao anarquismo -, foi que os grupos que professavam esta ideologia eram minoria entre seus compatriotas estrangeiros e absoluta minoria entre toda a classe operária.

...A população brasileira tem ainda como predominantes os elementos incultos, provenientes do trabalho agrícola, de caráter colonial, com ressaibos de escravatura recente; e a esse elementos juntam-se, nos estados de imigração - os do Sul, especialmente - camadas novas e móveis, das quais

apenas uma parte se fixa, quase sempre sem se adaptar inteiramente. (...) essas camadas instáveis são, em grande parte, constituídas por trabalhadores rústicos, saídos de regiões atrasadas e miseráveis.

Os imigrantes têm, em geral, um escopo único: o amontoamento de um pecúlio para regressar à pátria. Pelo menos é esse, muitas vezes, o seu pensamento exclusivo. Tal estado de espírito, somado à estranheza do novo ambiente, à incerteza causada na vida pela instabilidade da situação econômica e do lugar de residência, às diferenças de língua e às influências do clima não favorece, naturalmente a propaganda e ação de qualquer doutrina social.⁸

Uma quinta característica é a de que, justamente esses grupos mais politizados e que maior influência tinham na classe operária eram contra qualquer tipo de organização em geral e contra quaisquer organizações políticas em particular. Se considerarmos a importância da organização política para o avanço das lutas operárias, podemos indicar desde já o quanto a revolução bolchevique, dirigida por um partido político, contribuiu para o avanço das lutas no Brasil.

Outro aspecto a considerar é a característica da sociedade brasileira da época, recém saída da escravidão e profundamente autoritária, elitista e repressiva. Poderemos então ter uma ideia das dificuldades com que se defrontavam os operários em suas lutas. O ataque ao movimento operário, quando de seu primeiro congresso, em 1906, mostra a posição da classe dominante em relação aos trabalhadores. Dizia, por exemplo, o jornal *O Paiz*, de 23 de agosto de 1906:

Os revolucionários estrangeiros que para cá emigraram, pregadores da revolução social, extremados, afirmam que o proletariado deve

desprezar os recursos legais e só confiar na subversão da sociedade; agem em flagrante contraste com o nosso meio, que eles desconhecem. No Brasil não existem razão para o anarquismo ou socialismo, planta exótica trazida do estrangeiro, quando entre nós tudo é feliz e livre.⁹

Fevereiro de 1917 no Brasil

1917 no Brasil foi, desde o início, um ano de greves e lutas operárias¹⁰ e para isso a influência da Revolução de Fevereiro na Rússia foi decisiva, fortalecendo a combatividade de um proletariado que já se movimentava intensamente contra a Primeira Guerra Mundial. Delegados de sindicatos e de jornais operários, coordenados pelo Centro de Estudos Sociais, criaram em março de 1915 uma Comissão Popular de Agitação Contra a Guerra e no 1º de Maio daquele ano leu-se um Manifesto pela Paz.¹¹

A greve no cotonifício Crespi ampliou intensamente o movimento, principalmente depois do assassinato pela polícia do sapateiro de 21 anos, José Martinez.

Depois desse dia São Paulo não seria mais a mesma. Numa fria manhã de julho, dia 11, uma multidão de cerca de 10 mil pessoas caminhou lentamente pelas principais ruas da cidade. A cidade de São Paulo estava parada numa última homenagem ao operário assassinado. As bandeiras vermelhas e negras tremulavam entre choros e sentimentos de vingança. A São Paulo proletária estava nas ruas, nunca se tinha visto aquilo antes.¹²

É preciso não esquecer que naquela época a jornada de trabalho dos operários variava entre 14 e 16 horas diárias, sem qualquer direito

social. A exploração de mulheres e crianças, nas fábricas têxteis era ignominiosa.

Em 1912, 67% dos trabalhadores têxteis eram mulheres. Em 1918, mais de 50% do operariado fabril era constituído de menores, como podemos constatar nesse trecho de artigo publicado em um jornal da época “Assistimos a entrada de cerca de 60 menores, às 7 da noite (...) Essas crianças saem às seis horas da manhã”¹³

A sete de julho criou-se um comitê para dirigir o movimento grevista.

O Comitê de Defesa Proletária (...) assumiu a direção do movimento e apresentou sua pauta de reivindicações: aumento de 35% dos salários, proibição do trabalho de menores de 14 anos, abolição do trabalho noturno para menores de 14 anos e mulheres, jornada de trabalho de 8 horas, respeito ao direito de associação, congelamento do preço dos alimentos e redução dos aluguéis.¹⁴

As greves geraram uma reação em cadeia, e começaram a ocorrer greves de solidariedade. O governo de São Paulo fugiu da capital e os operários, por dois dias, se apossaram dela. Everardo Dias, militante anarquistas, relatou:

Nos bairros fabris, Brás, Mooca, Barra Funda, Lapa, sucedem-se tiroteios com grupos de populares; em certas ruas já começam a fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas e a polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos.¹⁵

Em meados de julho de 1917 havia 15 mil operários em greve, em São Paulo.¹⁶ A repercussão da derrubada do czarismo na Rússia e o

papel que os operários desempenharam no movimento era imensa. Nereu Rangel Pestana, diretor do jornal *O Combate*, escrevia sob o pseudônimo de Ivan Subirov:

Durante mais de 20 anos só os discípulos de Kropotkin sofriam pelo povo, pregavam às massas, sentiram as misérias da “santa canalha” ... Por isso o proletariado brasileiro passou da escravidão à anarquia. Fez a sua evolução nas trevas, e vê a aurora da redenção surgir das estepes da Rússia.¹⁷

Os operários louvavam a queda do czarismo. O jornal *O Debate*, fundado por Astrojildo Pereira e Adolpho Porto, em seu primeiro número, comenta no editorial:

Bem difícil, sem dúvida, é precisar o curso dos acontecimentos na Rússia. Aliás, seria rematada tolice pretender firmar tais ou quais traços definitivos do grande movimento que deu por terra, abruptamente, com a casta dos Romanov e com ela, de cambulhada, todas as demais castas aristocráticas e monopolizadoras das riquezas e do poder.¹⁸

Em seu N°4, de 2 de agosto, o jornal trazia um longo artigo intitulado “Teremos também um comitê de soldados e operários”.¹⁹ O mesmo jornal, em setembro, defendia Lenin das acusações que vinha recebendo de parte dos inimigos da revolução:

A força de Lenin é a sua vontade de ferro, a sua clareza e simplicidade de seus lemas, o seu absoluto desinteresse, a sua incorruptibilidade, a sua ação metódica e uma habilidade organizadora consumada. Tinha sempre consigo a maioria do proletariado consciente dos grandes centros operários.²⁰

O mesmo jornal, em outubro daquele ano, transcreveu os principais pontos do programa de luta leninista.²¹

Outubro de 1917

Em outubro, a revolução socialista teve ainda maior repercussão no movimento operário brasileiro. E o que de mais importante ocorreu não foi só o ânimo para a luta injetado na classe operária, certa agora de que era possível conquistar o poder; o de maior importância foi a compreensão da necessidade de uma forte organização política para dirigir a revolução, o que até então vinha sendo negado pela vanguarda anarquista. É importante acompanhar o processo da formação do Partido Comunista do Brasil a partir da influência da Revolução Socialista Soviética, porque isso transformou não só a vida política do movimento operário, como a do país. Vejamos.

Os anarquistas, que já haviam saudado com entusiasmo a Revolução de Fevereiro, ficaram empolgados com a tomada do poder pelos bolcheviques. São inúmeras e constantes as manifestações de apoio a ela e o que há de se notar é que os anarquistas começam a ter uma visão da revolução que passava a aceitar uma organização política. Lenin foi enaltecido como grande organizador, o bolchevismo visto como uma perspectiva. Foram inúmeros os registros sobre isso nos jornais operários. Sobre a questão operária, escreveu-se: “Não há para onde fugir. O maximalismo caminha e nada o deterá na sua marcha desde a Rússia até os mais longínquos recantos do globo. De fato, um exemplo como o da Rússia não poderá deixar de ser seguido por todos os outros povos”.²² O mesmo jornal falava da ditadura do proletariado: “Para

maior esclarecimentos da questão, apresentamos aqui a definição exata do maximalismo. O maximalismo é a aplicação do Máximo das concepções socialísticas, por meio da ditadura proletária”.²³

Os operários exaltavam a nova República, falando da força dos soviets.²⁴ Sobre as relações internacionais da nova Rússia diziam:

Quanto à relação com os outros povos, a República dos Soviéticos está no terreno dos princípios da I Internacional, a qual reconheceu a verdade, a justiça e a moral como base de suas relações com toda a humanidade, independentemente de raças, religiões ou nacionalidades.²⁵

E mais:

Quando, pois, a Revolução Russa varreu como um tufão a velha tirania czarista, abatendo um sistema secular e execrável de despotismo religioso, político e econômico que mantinha uma população de 130.000.000 na mais abjeta e asquerosa das servidões que é possível conceber e descrever, e que o governo dos soviets inscreveu no artigo 18 de sua Constituição aquele preceito sugestivo e lapidar: “quem não trabalha não come”, produziu-se como que um relâmpago na consciência humana.²⁶

Apesar da força do movimento, que continuou até 1919, as greves terminaram sem maiores ganhos, tanto pelo desgaste da greve – principalmente pela falta de salários – como pela ausência de organização política dos operários.

Primeiras tentativas de organização

Durante o ano de 1918 houve tentativas para a criação de um partido comunistas. É de se destacar o papel do Rio Grande do Sul nessas primeiras iniciativas: Santos Soares fundou a Liga Comunista de Livramento (que durou até 1922); em Passo Fundo, foi criado o Centro Comunista e ainda no mesmo estado a União Operária, cujo manifesto começava por conclamar: “Operários de todos os países, uni-vos!” A primeiro de novembro de 1918, Abílio de Nequete – que viria a ser um dos fundadores do partido comunista - organizou a União Maximalista, em Porto Alegre.²⁷

A fracassada insurreição anarco-comunista de novembro de 1918 levou seus principais dirigentes para a cadeia, quebrando a continuidade da organização. A mobilização para a insurreição chegou a ser grande, em especial entre metalúrgicos e operários da construção civil. Um panfleto dos insurretos aos praças dizia: “Soldados e marinheiros: o patriotismo e a disciplina são os meios de que se servem os vossos opressores para vos enganarem. Só deveis ter um patriotismo e uma disciplina: a de libertar a classe dos pobres e dos humildes a que pertenceis”.²⁸

Houve combates de rua, operários explodiram torres da Light e tomaram uma delegacia. Houve também uma tentativa de rebelião em uma companhia operária situada na Vila Militar, que foi logo abortada. Os operários, reunidos em São Cristóvão, acabaram duramente reprimidos. Além dos problemas políticos de mobilização, havia um traidor entre eles, o tenente Jorge Elias Ajus, que trazia a polícia informada da conspiração.²⁹

Soltos os militantes anarquistas revolucionários, a 12 de abril de 1919 *A Plebe* noticiava a criação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Numa primeira circular do partido, datada de 23 de março de 1919 (quase a mesma data em que seria fundado definitivamente três anos mais tarde), dizia-se:

Camaradas

Saúde

Diante do entusiasmo que reina nas classes trabalhadoras e no povo em geral pelos movimentos que se desenrolam no mundo, tendentes a uma transformação social e amplamente baseados nas ideias comunistas, os libertários do Rio de Janeiro, reunidos no dia 09 do corrente, acordaram firmar o Partido Comunista do Brasil, além de desenvolver ativa propaganda entre todos os camaradas, no sentido de formar núcleos em todas as localidades do país.³⁰

Seguem as bases de acordo do partido. No dia 26 do mesmo mês há um artigo de José Ingenieros elogiando o maximalismo³¹ e em maio, só elogios de um visitante que chegava de Moscou.³²

Por essa época, 1918, Astrojildo Pereira afirmava, em seu jornalzinho *Crônica Subversiva*:

Insidiosamente os aliados vão preparando a insurreição militar antirrevolucionária na Rússia (...) cercando os maximalistas com o fim evidente de dar combate à verdadeira revolução popular predominante na Rússia e que constitui um tão grande perigo para a burguesia de todo o mundo, aliadas, germânicas e outras. De resto, inutilmente. A Revolução Russa não é um motim qualquer, que se esmague assim com tanta facilidade, ela em si mesma contém inesgotáveis forças de resistência e, além disso, levanta sobre o mundo o lábaro supremo das

grandes reivindicações definitivas vindas ao encontro, como um exemplo e um incentivo, das velhas aspirações proletárias de liberdade e bem-estar.³³

Apesar do conteúdo anarquista do novo partido, os programas dos núcleos comunista que surgiam diziam-se todos maximalistas, enalteciam os soviets, louvavam Lenin e Trotski. E espalhavam-se pelos estados. De Minas, por exemplo, veio a notícias:

Da capital mineira comunicam-nos: Efetivamente não nos enganávamos ao pensar que os camaradas daqui não deixariam de acompanhar os companheiros de outros estados, visto que, em uma reunião realizada em 31 do mês passado, efetuaram a organização de um Centro Comunista Libertário, sobre as bases do Partido Comunista do Brasil.³⁴

O mesmo número informa sobre a criação de idênticos núcleos em São Paulo, Campinas e São Caetano.³⁵ O primeiro de maio de 1919 foi amplamente comemorado por libertários comunistas, que falaram em nome do PCdoB e desfilaram com seu pavilhão. Em Recife, Joaquim Pimenta, de grande projeção local, chegou a ensejar versos:

Se seu Pimenta quisesse,
Inté os padres grevava,
Carola não tinha missa,
Nem as freiras rezava.³⁶

Tal partido provavelmente teria vingado, sem maiores prejuízos para a unidade da classe operária se a situação na Rússia Soviética não provocasse os rompimentos entre os que não abriam mão de seus ideais

libertários e aqueles que agora alinhavam-se com os bolcheviques russos, partidários de uma forte e centralizada organização política e da ditadura do proletariado. No final de 1920 o apoio dos anarquistas aos bolcheviques, que vinha desde 1917, começou a se deteriorar, a partir da repressão aos guerrilheiros de Nestor Maknó. Os anarquistas maknovistas haviam participado ativamente da luta contra os exércitos brancos e os invasores estrangeiros. Terminada a guerra civil, e por quererem implantar “comunas livres” na pequena região ucraniana que dominavam, negando-se a se submeter ao comando bolchevique, foram reprimidos.

Mas foi principalmente a partir da repressão à insurreição dos marinheiros de Kronstad, no início de março de 1921, que o rompimento definitivo se deu. Os marinheiros de Kronstad apoiaram revolução socialista desde o início lutando por ela durante toda a guerra civil, que provocou o chamado “comunismo de guerra”. Terminado o conflito, a situação do país era caótica: uma economia arruinada, o país devastado, miséria, fome, epidemias. Os marinheiros passaram a reivindicar melhoria de suas condições e principalmente eleições livres para os soviets e todos os órgãos de direção. Tinham razão. Também tinham razão os bolcheviques de não ceder. Primeiro porque era preciso revitalizar a economia – o que foi feito logo depois, com a NEP – e, principalmente, porque os brancos – monarquistas -, os países europeus e os norte-americanos esperavam ansiosamente por uma “abertura eleitoral” para intervir. Os marinheiros não cederam, os bolcheviques não cederam e a rebelião dos marinheiros de Kronstadt foi esmagada, com muitas mortes de ambos os lados.

Nesse mesmo março de 1921 realizou-se o X Congresso do Partido Comunista da União Soviética em que Lenin, a propósito dos acontecimentos de Constadt, lembrou o “comitê democrático” de Samara, ou comitê de membros da assembleia constituinte, eleito por grande pressão anarquista, que acabou por ser dirigido por socialistas revolucionários e guardas brancos.³⁷ Esse era o perigo, indicava o líder bolchevique. A seguir Lenin leu também incontáveis notícias que saíam nos jornais europeus, desde que começaram as greves em Petrogrado, anunciando fuga, ou prisão ou fuzilamento dele, Lenin e de Trotski, ou a queda do poder soviético em várias regiões da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.³⁸ Os emigrados tzaristas e guardas brancos estavam atentos aos acontecimentos e prontos a intervir. Era impossível permiti-lo.

Embora os anarquistas estivessem longe de ser a maioria entre os marinheiros, tinham influencia entre eles e os apoiavam. Principalmente apoiavam as reivindicações que se opunham à ditadura do proletariado. A partir dos acontecimentos da Ucrânia e de Kronstadt os anarquistas passaram a considerar os bolcheviques como inimigos e a se mobilizar contra eles.

Apesar disso, um grupo de combativos líderes anarquistas assumiu a importância da criação de um partido político aqui no Brasil, continuou a defender a revolução proletária soviética e o bolchevismo. Com o movimento operário em refluxo, depois do desgaste de anos de greve, de intensas lutas e brutal repressão, para o pequeno grupo que aderiu ao bolchevismo a tarefa mais importante no momento era organizar aqui o partido comunista.

Entre os dias 25 e 27 de março de 1922, com a presença de nove delegados – sete deles que haviam sido líderes anarquistas – fundou-se o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).³⁹ O grupo de anarquistas que agora aderiu ao comunismo concordava com Lenin: só um forte e disciplinado partido poderia fazer frente ao poder da burguesia. Não só o partido foi formado sob o impacto da Revolução Socialista de Outubro como a influência dela foi permanente, principalmente através da Internacional Comunista – IC - (1919-1943). Ligando-se ao movimento comunista internacional o jovem PCB ganhava mais força de que carecia internamente. Por outro lado, a falta de uma sólida base teórica sobre o marxismo e sobre o Brasil levou a que os comunistas aceitassem acriticamente as conclusões da IC sobre a América Latina e o Brasil, muitas vezes erradas.

Entre os muitos relatórios que a direção do jovem partido enviava à IC, um deles fala da imprensa no Brasil e da relação com os anarquistas:

ANARQUISTA – Citemos as publicações que mais larga e duradoura influência exerceram no proletariado: TERRE LIVRE, São Paulo – Rio - São Paulo, 1905-1910; NOVO RUMO Rio, 1906-1907; A LANTERNA, São Paulo, 1909-1913, de agitação anti-clerical; LA BATTAGLIA, São Paulo 1905-1913, em italiano, anarquista, anti-sindicalista, muita influência exerceu nos meios italianos imigrados, de São Paulo; GUERRA SOCIAL, São Paulo – Rio, 1910-1911; A VOZ DO TRABALHADOR, Rio, 1908-1914, órgão da Confederação Operária Brasileira, publicado com interrupções; A PLEBE, São Paulo, 1917, com interrupções vive até hoje. ANARCO-BOLCHEVISTA. Refletindo a fase de transição do anarquismo para o comunismo,

provocada pela Revolução Russa, todos os periódicos anarco-sindicalistas publicados no Brasil entre 1918 e 1921 defenderam o bolchevismo se bem que movidos mais por entusiasmo e instinto revolucionário do que por convicções doutrinárias. A PLEBE só em 1920 – 21 rompeu definitivamente contra os comunistas. SPARTACUS, Rio, 1919 foi o órgão característico desse período de transição, tendo publicado, in-extenso, entre outros artigo e informações da Revolução Russa. ... Outros jornais do mesmo período; VOZ DO POVO, Rio, 1919, diário, órgão das Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro; A VANGUARDA, São Paulo, 1921, diário efêmero, Tribuna do Povo, Recife, 1918; A Hora Social, Recife, 1919-1921, diário, depois semanário.⁴⁰

A importância da ligação com a Internacional Comunista fortalecia-se também pelo fato do PCdoB estar bastante isolado na sociedade. Reprimido pela classe dirigente, visto com desconfiança pelas camadas médias urbanas e também por parte da classe operária, o rompimento com os anarquistas debilitou muito a já frágil unidade do proletariado.

O mesmo relatório termina dizendo que:

Sobre a juventude e as mulheres, nenhum trabalho sistemático, ainda nestes dois campos de atividade, nos foi possível encetar.

Devemos notar, desde logo, que temos adquirido, nestes 18 primeiros meses de atividade, uma soma apreciável de experiências, que esperamos venham a produzir os mais fecundos resultados. Atravessando, desde a seu início, um período de dificuldades de toda a ordem, internas e externas, o esforço por vencer tais dificuldades muito há contribuído para cimentar as bases de nosso jovem P.C., que aparece

hoje, apesar de todas as deficiências, como um organismo homogêneo, com capacidade própria de firme e progressivo desenvolvimento. Se bem que ainda em número muito reduzido, o P.C. brasileiro possui já um núcleo central de militantes ligados pelo mais íntimo espírito de solidariedade material e moral, fruto das mesmas lutas sustentadas e sofridas em comum. Teoricamente como praticamente, esse núcleo básico de nosso partido, compenetrado de suas responsabilidades, saberá trabalhar, sem desfalecimentos, para a formação de um verdadeiro partido revolucionário, eficiente e autorizada seção brasileira da Internacional Comunista.

Assim, pois, na medida em que se nos apresentem favoráveis as condições objetivas no plano nacional como no plano mundial, podemos encarar com relativo otimismo as perspectivas que se abrem a nossos olhos. Como quer que seja, ao P.C. está destinado o papel de guia e coordenador das forças obreiras do Brasil, em suas batalhas futuras, adotando uma larga política de massas, traçada a um tempo com ampliação de vistas e firmeza de direção. Neste sentido nos vamos orientando desde já, ao entrarmos na segunda etapa de nosso desenvolvimento.⁴¹

Uma breve conclusão

Por mais aguerridos e generosos que fossem, e fundamentais para as lutas do movimento operário que se consolidava, os anarquistas não aceitavam a formação de um partido político que organizasse a classe operária e coordenasse suas lutas. E o avanço das lutas operárias não poderia prescindir de uma organização política.

Organização política não é sinônimo nem de burocratização e nem de rígidas hierarquias de comando. Também não pode significar a substituição de uma classe por um grupo dirigente. Tais fenômenos, que ocorreram na história, não podem servir para invalidar a organização política.

Em que pesem – e pesaram tragicamente – as circunstâncias que desembocaram no chamado período stalinista, foi o partido bolchevique que permitiu a organização da vontade e da ação popular que levou à primeira vitória do proletariado contra o capitalismo e contra a barbárie antidemocrática que está em seu código genético.

No Brasil, e apesar de todos os erros que possam ter sido cometidos, foi o partido comunista que combateu sozinho, ou liderou, TODAS as lutas democráticas do país, contra o nazi-fascismo, contra o integralismo, pela independência nacional contra o imperialismo estrangeiro, pela paz, e pela solidariedade entre os povos.

A fundação do partido comunista foi uma das maiores contribuições da Revolução Socialista Soviética em nosso país.

Notas

* Doutora em História Social pela USP. Professora aposentada da UFScar, leciona atualmente no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado, da Universidade Salgado de Oliveira - Universo

¹ Benoit-Jules Mure fundou uma colônia em Santa Catarina e ainda nos anos 40 do século XIX lançou o jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* que, na verdade, só tinha de socialista o nome.

² RODRIGUES, E. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Leammert, 1969. p. 59.

³ Sobre Fábio Luz ver o recém lançado livro de BRITO, A. **Liberdade de testar**. Rio de Janeiro: Prismas, 2017.

-
- ⁴ **A Questão Social**, nº 1, 1895:1. Os grifos são meus.
- ⁵ RECLUS, E. **Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1900. In RODRIGUES, E., Op. Cit. P. 70
- ⁶ RODRIGUES, op. cit., p. 70.
- ⁷ Ver SILVA, S. S. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- ⁸ VASCO, N. Origens e primórdios de atividade. In: LEUENROTH, E. **Anarquismo, roteiro de libertação social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1953. pp. 102-103. Grifo nosso.
- ⁹ FERREIRA, M. N. **A imprensa operária no Brasil – 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 55.
- ¹⁰ Sobre o tema ver BUONICORE, A. A greve geral de 1917 e seus reflexos no movimento operário brasileiro” In *Vermelho*: www.vermelho.org.br
- ¹¹ BANDEIRA, M.; MELO, C.; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho – a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 31
- ¹² BUONICORE, op. cit., p. 1.
- ¹³ idem.
- ¹⁴ ibid., p. 2.
- ¹⁵ DIAS, E. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa Ômega, 1977. Ver também LINHARES, H. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.
- ¹⁶ Entre outros, BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 58.
- ¹⁷ apud Ivan Subirov, A oligarquia paulista. In: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 49.
- ¹⁸ **O Debate**, Rio de Janeiro, nº 1, 12 de julho de 1917, p. 12.
- ¹⁹ ibid., nº 4, de 2 de agosto de 1917, p. 12.
- ²⁰ ibid., nº 12, 29 de setembro de 1917, p. 7.
- ²¹ ibid., nº 15, 27 de outubro de 1917, p. 9.
- ²² Maximalismo no Brasil? **Tribuna do povo**, nº 26, Recife, 1º de dezembro de 1918, p. 4
- ²³ A ditadura proletária. **Tribuna do povo**, nº 28, 20 de dezembro de 1918, p. 1
- ²⁴ Evidencia-se a força dos soviétes. **A Plebe**, fase 1, ano 2, nº 7, 5 de abril de 1918, p. 2.
- ²⁵ O pacto fundamental da República dos Soviétes. **A Plebe**.
- ²⁶ PINHO, A. Folheto divulgado em 1921.
- ²⁷ BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 153.
- ²⁸ ibid., p. 128.
- ²⁹ ibid., pp. 123-142. Ver também: ADDOR, C. A. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

³⁰ Está constituído o Partido Comunista do Brasil – qual é seu objetivo. **A Plebe**, fase 1, ano 2, nº 8, de 12 de abril de 1919, p. 3.

³¹ INGENIEROS, J. A significação histórica do maximalismo. **A Plebe**, 26 de abril de 1919, p. 4.

³² A situação da Rússia bolchevista. **A Plebe**, nº 22, 19 de maio de 1919.

³³ PEREIRA, A. **Crônica Subversiva**, nº 10, 03 de agosto de 1918, p. 2.

³⁴ Núcleos de Vanguarda em Belo Horizonte. **Crônica Subversiva**, ano 1 nº 2, de 14 de junho de 1919, p. 3.

³⁵ *ibid.*, p. 4.

³⁶ BANDEIRA; MELO; ANDRADE, *op. cit.* p. 193.

³⁷ LENIN, Vladimir Ilitch. **OUVRES**, tomo 32 – dezembro de 1920 a agosto de 1921. Paris: Ed. Sociales/Moscou: Ed, em langues etrangeres. 1962, p. 192 e nota 44, p. 566.

³⁸ *ibid.*, p. 284.

³⁹ Sobre o assunto ver PEREIRA, A. **Formação do PCB, 1922-1928**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012. Os fundadores do Partido Comunista do Brasil presentes a essa reunião foram: Abílio de Nequete (barbeiro); Astrojildo Pereira (jornalista); Cristiano Cordeiro (funcionário) Hermógenes Silva (eletricista); João da Cista Pimenta (gráfico); Joaquim Barbosa (alfaiate); José Elias da Silva (funcionário); Luís Peres (operário vassoureiro); Manuel Cendon (alfaiate).

⁴⁰ Relatório da Comissão Central Executiva do PCdoB (seção brasileira da IC) sobre a situação no Brasil e a do PCdoB, de 1º de outubro de 1923. Documentos da Internacional Comunista, Arquivo do Movimento Operário Brasileiro, CEDEM, UNESP. Documento nº 125.

⁴¹ *idem*.